



Federação das Indústrias do Estado da Bahia

Relatório de

Infraestrutura

do Estado da Bahia

Federação das Indústrias do Estado da Bahia
Diretoria Executiva / SDI - Superintendência de Desenvolvimento Industrial



Relatório de Infraestrutura é uma publicação da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (FIEB), produzida pela Superintendência de Desenvolvimento Industrial (SDI).

Presidente: Antonio Ricardo Alvarez Alban

Diretor Executivo: Vladson Bahia Menezes

Superintendente: Marcus Emerson Verhine

Equipe Técnica: Ricardo Menezes Kawabe

Carlos Danilo Peres Almeida

Ana Paula Silveira Almeida

Layout e Diagramação: GCI – Gerência de Comunicação Institucional

Data de Fechamento: 31 de agosto de 2016

Críticas e sugestões serão bem recebidas.

Endereço Internet: <http://www.fieb.org.br>

E-mail: sdi@fieb.org.br

Reprodução permitida, desde que citada a fonte.

SUMÁRIO

| | Pág. |
|---------------------|------|
| DESTAQUES DO MÊS | 3 |
| 1. ENERGIA ELÉTRICA | 5 |
| 2. PETRÓLEO E GÁS | 8 |
| 3. LOGÍSTICA | 14 |

DESTAQUES DO MÊS

Codeba investe em obras no Porto de Aratu-Candeias

A nova diretoria da Companhia das Docas do Estado da Bahia - Codeba autorizou novos investimentos de aproximadamente R\$ 6 milhões para o Porto de Aratu-Candeias. Até dezembro, a pretensão é chegar a um total de R\$ 30 milhões em obras de recuperação e serviços de manutenção.

Para começar, está a recuperação das vigas da ponte de acesso ao Pier I do Terminal de Graneis Sólidos (TGS), já em fase de pré-abertura do processo licitatório na modalidade Concorrência. "É uma obra de extrema importância, garantindo melhores condições no tráfego de veículos ao píer", pontuou o presidente da Codeba, Pedro Dantas. O serviço tem custo estimado de quase R\$ 2,8 milhões.

A Diretoria Executiva deliberou ainda sobre alocação de recursos na ordem de R\$ 3 milhões para garantir a cobertura de uma área de 10 mil metros quadrados do pátio de estocagem de minérios do Porto, interligado ao TGS por meio de correias transportadoras. "A iniciativa gerará um impacto ambiental positivo, garantindo melhor armazenamento desses produtos e evitando o arraste causado por chuvas e ventos", destacou Pedro Dantas. A fase de estudo do projeto avança para ser concluída, quando, então, será autorizada a licitação. (Ascom – Codeba, 29/08/2016)

Belo Monte pode não conseguir escoar toda a produção por atraso em linha da Abengoa

O Operador Nacional do Sistema Elétrico diz que a transmissão será um dos gargalos nos próximos anos. E está preocupado com o escoamento da energia de Belo Monte no ano que vem. Muito dos problemas se deve aos atrasos na construção de linhas de transmissão que pertencem à Abengoa.

Um dos projetos de responsabilidade da empresa era a construção do segundo bipolo de transmissão da usina, que escoaria a energia para o Nordeste. Como a empresa não tem mais condições de construir os empreendimentos, a Agência Nacional de Energia Elétrica deverá declarar a caducidade das concessões e realizar um novo leilão. Mas isso demanda tempo.

"Há um descompasso entre a geração de Belo Monte e a transmissão por causa da Abengoa. Pode ser que não se consiga escoar tudo [toda a energia produzida]", comentou o diretor-geral do ONS, Luiz Eduardo Barata, que se encontrou com jornalistas para a comemoração dos 18 anos do ONS. Segundo ele, o problema pode acontecer no começo do período úmido de 2017 e perdurar até fevereiro de 2018, quando está prevista a entrada em operação do primeiro bipolo da usina, que trará a energia para o Sudeste. "Pode ser que no começo do período úmido de 2017 não se consiga escoar tudo. O descasamento acontece num período muito curto porque no período seco a usina gera bem pouquinho", explicou o executivo. Ele calcula que poderiam deixar de ser transportados cerca de 600 MW. (Agência Canal Energia, 26/08/2016)

Brasil é 8º no ranking mundial de geração eólica

O Brasil subiu sete posições, nos últimos dois anos, no ranking mundial de geração eólica: em 2015, o País alcançou a 8ª posição. Também no ano passado, o Brasil registrou o primeiro lugar no ranking mundial em fator de capacidade (relação entre produção efetiva e capacidade instalada) de geração eólica, com 38%.

O País ainda manteve a quarta posição no ranking mundial de potência instalada. Os dados são do Boletim de Energia Eólica Brasil e Mundo – Base 2015, produzido pelo Ministério de Minas e Energia (MME). Entre os países analisados, o fator de capacidade do Brasil é 60% superior ao indicador mundial. O destaque do fator de capacidade, que indica o aproveitamento do vento para gerar energia, é resultado do aumento significativo dos avanços tecnológicos em materiais e no porte das instalações, além da escolha de melhores sítios, o que permite melhor aproveitamento dos ventos.

No atual modelo institucional do setor elétrico brasileiro, 16,6 GW são de potência eólica contratada, dos quais, 9,3 GW se encontram em operação, 3,4 GW em construção e 3,9 GW aptos para iniciar a construção. Para atingir os 24 GW em 2024, previstos no Plano Decenal de Expansão de Energia – PDE 2024, ainda será necessário contratar 7,4 GW, no período de 2016 a 2021.

No mundo, a Dinamarca apresenta a maior proporção de geração eólica em relação à sua geração total, com expressivos 44,6%. Na sequência, estão Irlanda (24,8%), Portugal (21,7%) e Espanha (18,2%). Em 2015, o Rio Grande do Norte saiu na frente com a maior proporção na geração eólica brasileira, de 34,6%, seguido pelo Ceará (20,7%) e Bahia (18,5%). Destaque para o expressivo fator de capacidade do Estado da Bahia, com 42,9%. (Portal Brasil, 09/08/2016)

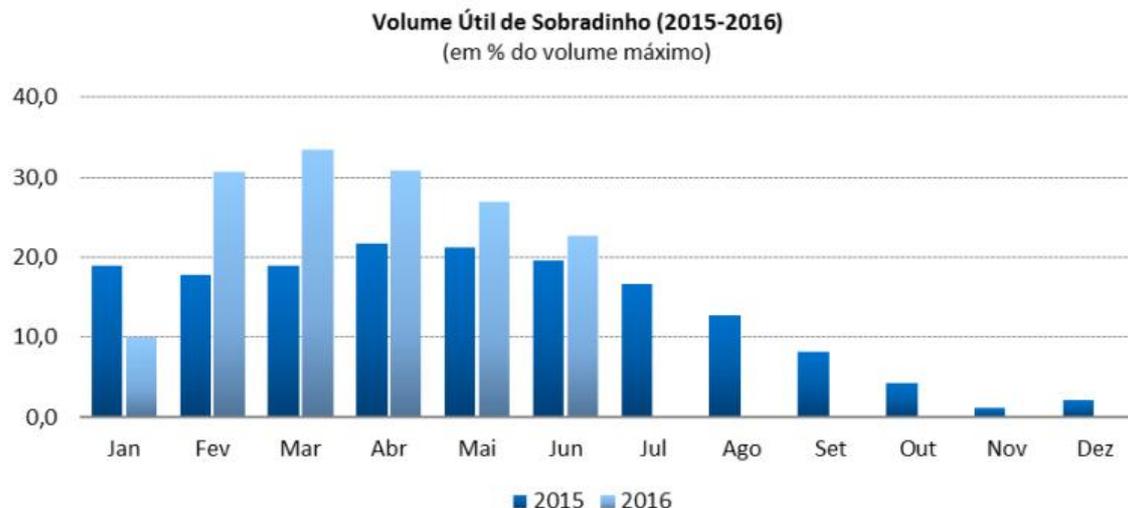
Minha Casa Minha Vida retoma 10 mil obras paralisadas

O governo federal já começou a executar o plano que vai pôr fim à espera de mais de 40 mil pessoas pela casa própria. O programa Minha Casa Minha Vida reiniciou obras paralisadas de 10.609 unidades habitacionais em 25 municípios de 15 Estados brasileiros. De acordo com o Ministério das Cidades, as construções encontram-se em estágio avançado de conclusão, com graus variados em função de especificidades de cada obra. O anúncio da retomada foi feito para empresários e trabalhadores do setor da construção civil pelo ministro das Cidades, Bruno Araújo, em solenidade no Palácio do Planalto, na quinta-feira (11/08), e, ainda segundo a pasta, o início das obras foi imediato após o comunicado.

As construções que serão concluídas pertencem à Faixa 1 do programa. Isto é, atendem a famílias com renda mensal de até R\$ 1,8 mil e serão financiadas pela Caixa e pelo Banco do Brasil. Além disso, o governo anunciou, também, a contratação de 40 mil unidades habitacionais na faixa 1,5 que contemplará famílias com renda mensal bruta até R\$ 2.350. Em todo o Brasil, são 33 empreendimentos nos quais o governo federal aplicará R\$ 167.200.310,92. (Portal Brasil, 19/08/2016)

1. ENERGIA ELÉTRICA

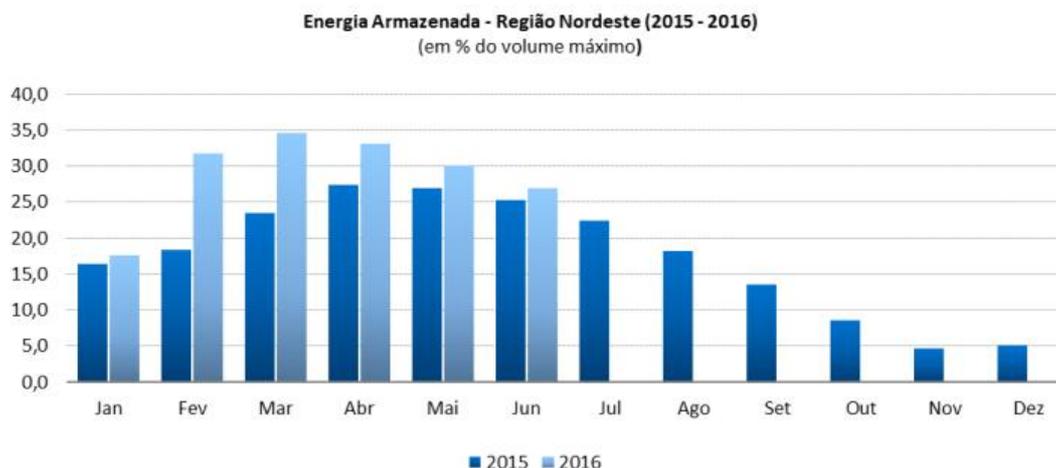
1.1 Nível dos Reservatórios do Nordeste: Sobradinho



Fonte: ONS; elaboração FIEB/SDI.

O reservatório de Sobradinho alcançou o volume de 22,7% de sua capacidade em junho de 2016. Tal valor é ligeiramente superior ao registrado em igual mês do ano anterior, quando alcançou 19,6% do volume máximo.

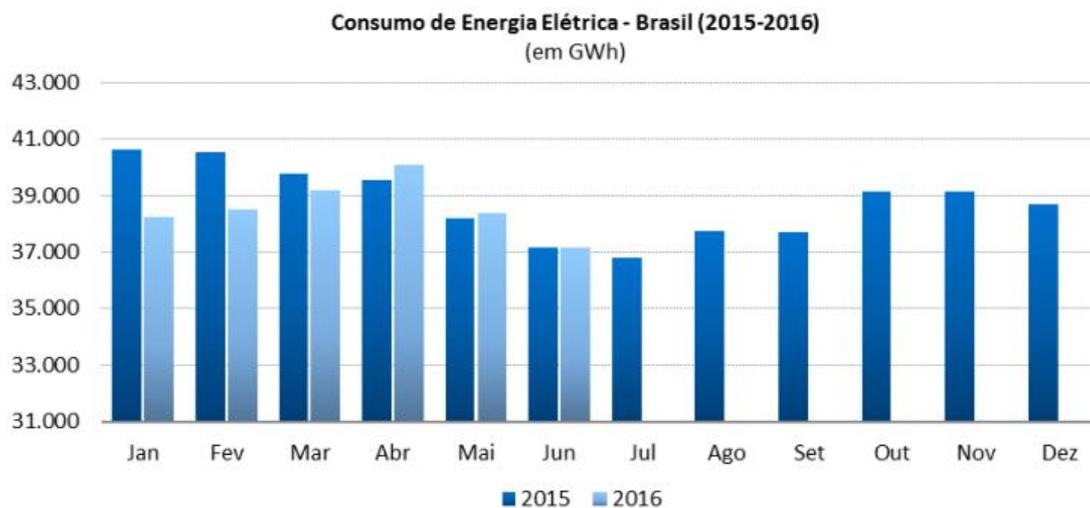
1.2 Energia Armazenada – Nordeste



Fonte: ONS; elaboração FIEB/SDI.

Na comparação da curva de energia armazenada, que engloba todos os reservatórios da Região Nordeste, vê-se que o nível acumulado em junho de 2016 alcançou 27% do volume máximo, contra 25,3% em igual período do ano anterior.

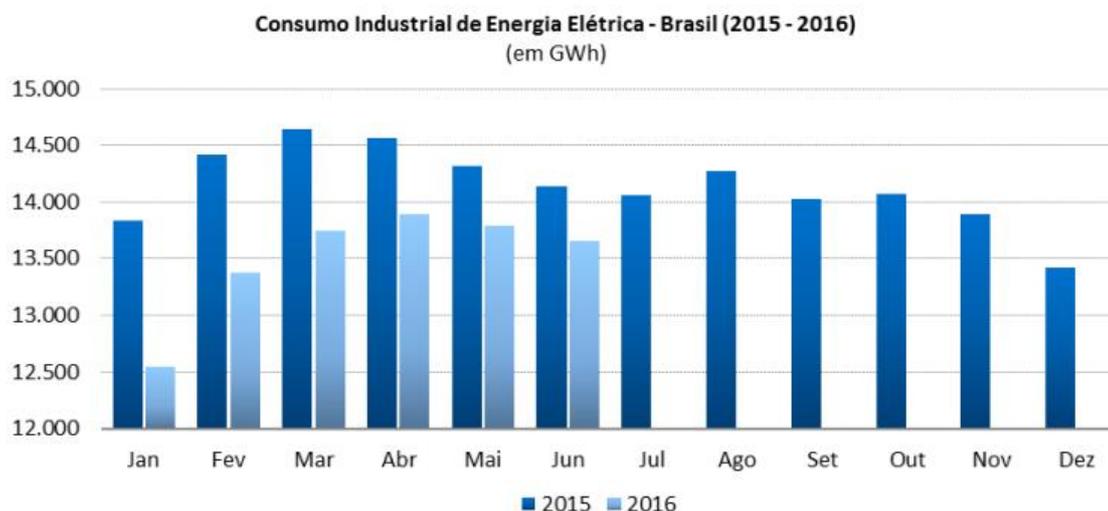
1.3 Consumo de Energia Elétrica – Brasil (2015 – 2016)



Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo nacional de energia elétrica manteve-se no mesmo patamar, em comparação com igual mês do ano anterior. No primeiro semestre de 2016, o consumo total de energia registrou queda de 1,85% em relação a igual período de 2015.

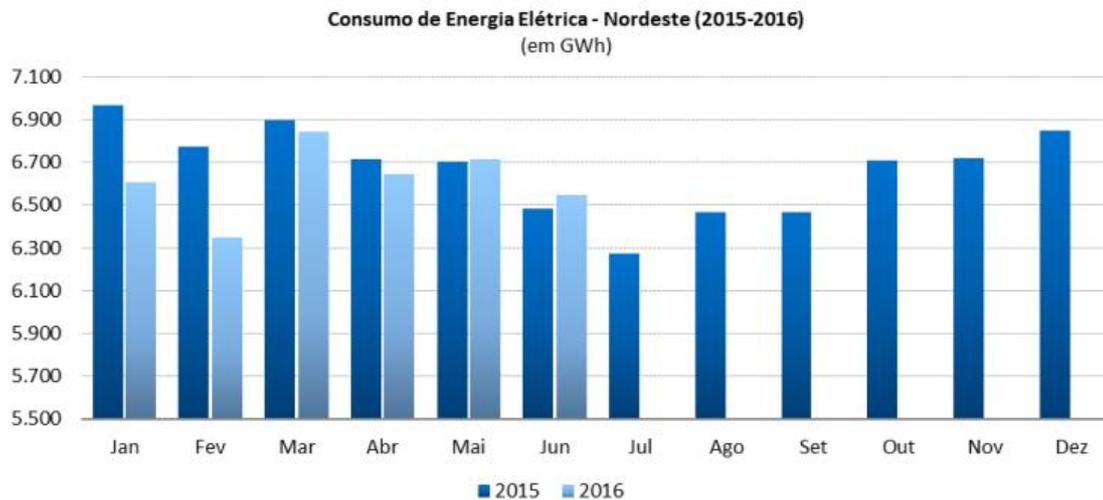
1.4 Consumo Industrial de Energia Elétrica – Brasil (2015 – 2016)



Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

Em junho de 2016, o consumo industrial de energia elétrica apresentou queda de 3,4% em relação a igual mês do ano anterior. No acumulado de 2016 até junho, o consumo da indústria registrou retração de 5,73% em comparação a 2015, refletindo o desempenho da atividade industrial no país, cuja produção física caiu 10,1% no mesmo período de análise (IBGE, PIM-PF).

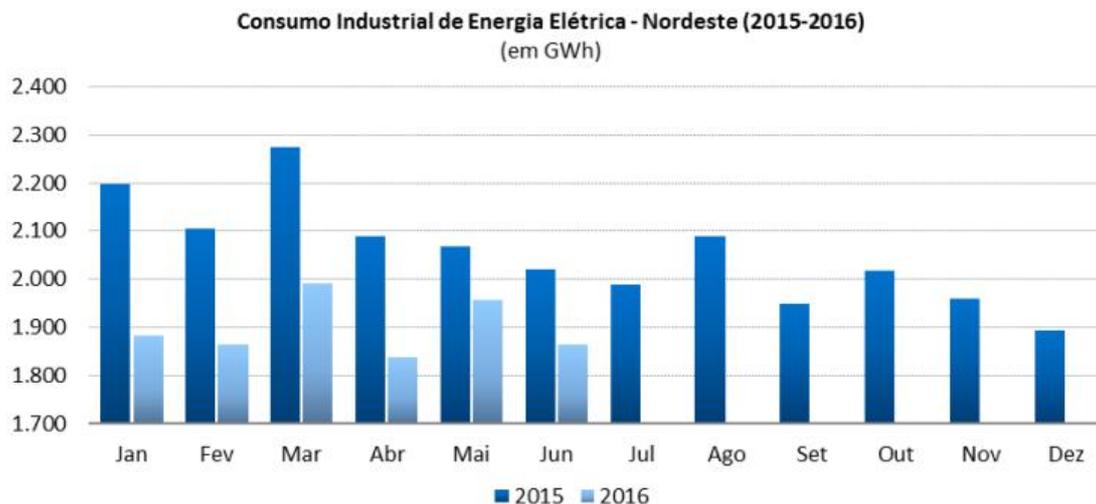
1.5 Consumo de Energia Elétrica – Nordeste (2015 – 2016)



Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo de energia elétrica na Região Nordeste apresentou crescimento de 1,1% em junho de 2016, na comparação com igual mês de 2015. No acumulado de 2016, o consumo de energia foi 2,1% maior em comparação com 2015. O aumento do consumo total da região até junho deste ano foi puxado pelas classes: residencial (+4,6%), comercial (+3,1%) e outros (+7,2%).

1.6 Consumo Industrial de Energia Elétrica – Nordeste (2015 – 2016)

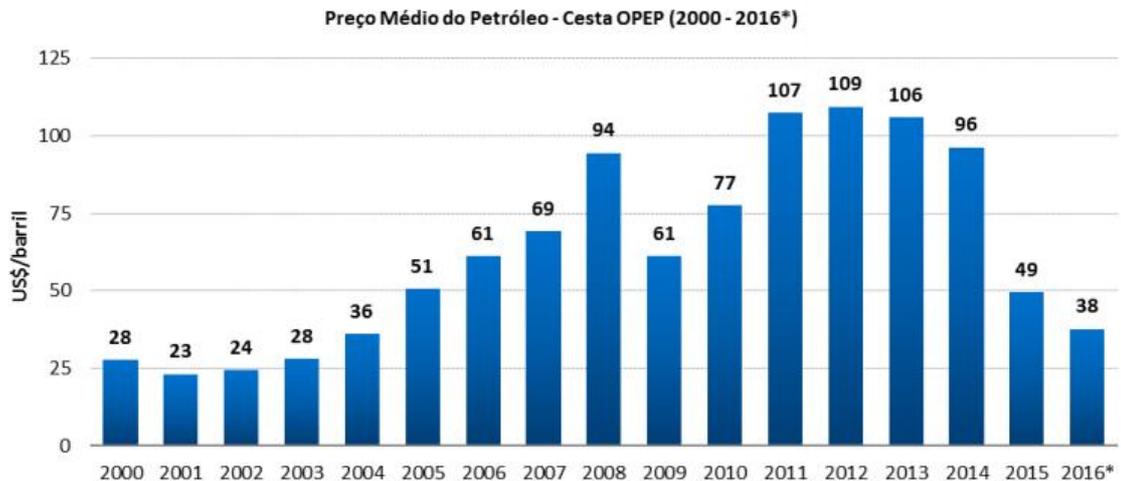


Fonte: EPE; elaboração FIEB/SDI.

O consumo industrial de energia elétrica na Região Nordeste apresentou queda de 7,7% em comparação com igual mês de 2015. No acumulado de 2016 até junho, registrou-se queda de 10,6% em comparação à 2015.

2. PETRÓLEO E GÁS

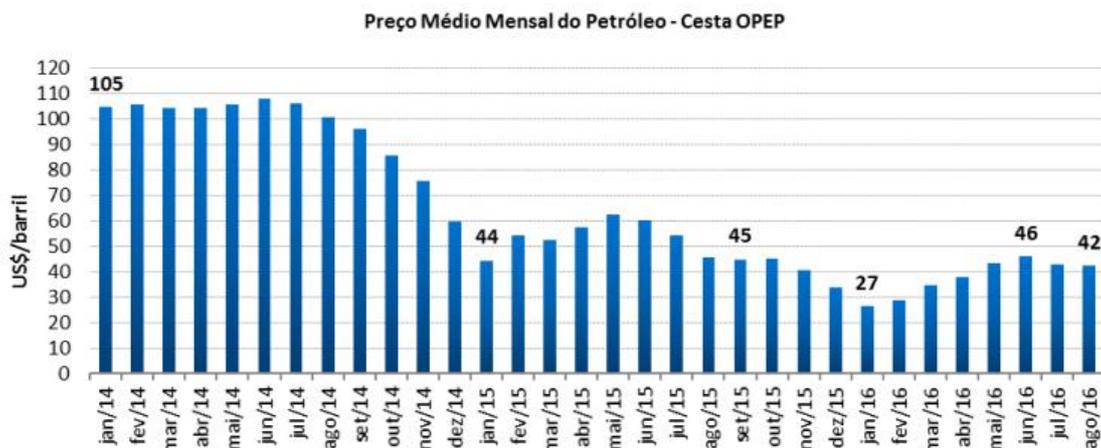
2.1 Preço médio dos petróleos – Cesta OPEP (2000-2016)



Fonte: OPEP; elaboração FIEB/SDI. Média de 2016 calculada com dados até 24/08/2016.

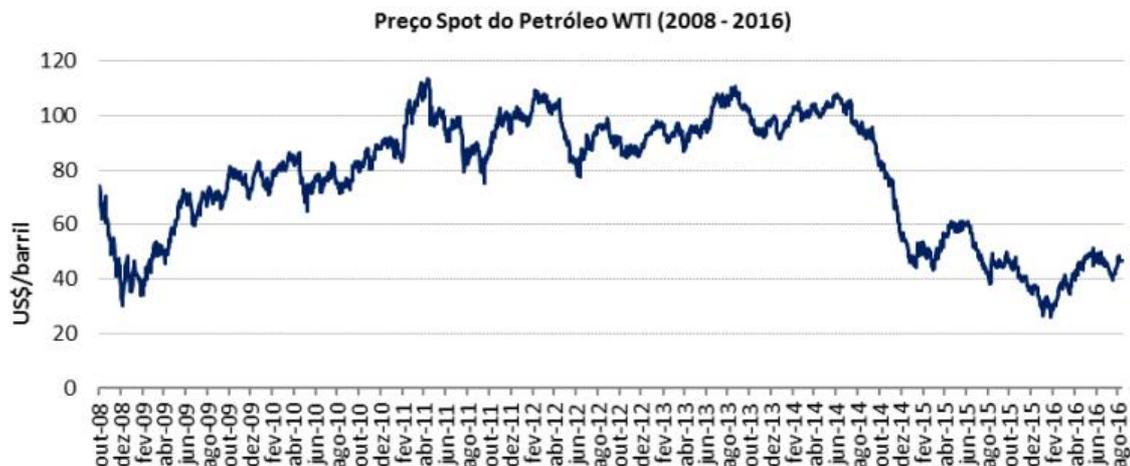
Os preços dos petróleos da cesta OPEP apresentaram forte aceleração entre 2004 e 2008, resultado da elevação na demanda dos países em desenvolvimento, notadamente China e Índia. Esse movimento foi interrompido após meados de 2008, quando a crise econômica global provocou recuo dos preços. A partir de 2010, no entanto, iniciou-se um processo de recuperação e estabilização num patamar superior a US\$100/barril, mas um novo ciclo de baixa expressiva teve início em 2013 e, com dados até 24/08/2016, a média dos preços de 2016 alcançou US\$ 38/barril.

2.2 Preço médio mensal do petróleo – Cesta OPEP



Fonte: OPEP; elaboração FIEB/SDI. Média de fevereiro de 2016 calculada com dados até 24/08/2016.

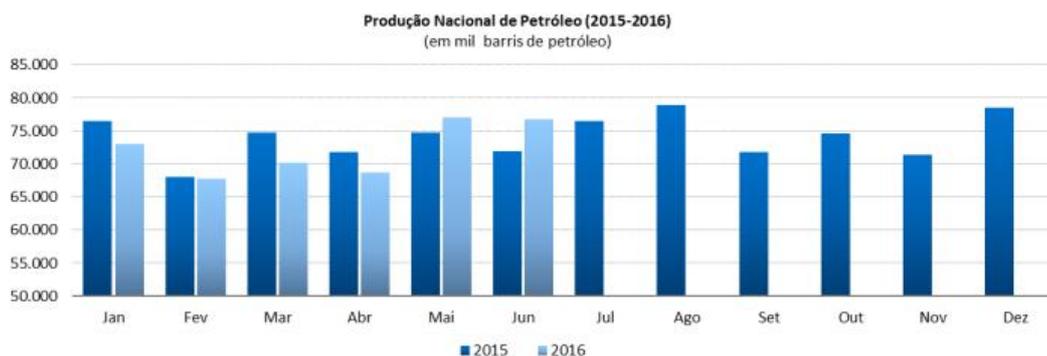
2.3 Preço médio do Petróleo WTI (2008-2016)



Fonte: EIA - Energy Information Administration. Elaboração FIEB/SDI. Calculada com dados até 24/08/2016.

Analogamente, o preço do petróleo WTI (*West Texas Intermediate*) no mercado spot apresentou trajetória de contínuo crescimento no período 2003-2008, decorrente da forte demanda dos países em desenvolvimento. No entanto, tal como no caso dos petróleos da cesta OPEP, os preços do WTI despencaram de US\$ 147,27 em julho de 2008 para cerca de US\$ 33/barril em dezembro do mesmo ano. De meados de 2013 até agosto de 2014, os preços oscilaram em torno de US\$ 100/barril. A partir de então, os preços iniciaram uma forte trajetória declínio. No início deste ano, o preço do barril caiu para os menores patamares desde meados de dezembro de 2008, de cerca de US\$ 30/barril, mas, posteriormente, iniciou-se um processo de recuperação, atingindo o patamar de US\$ 50/barril em junho deste ano.

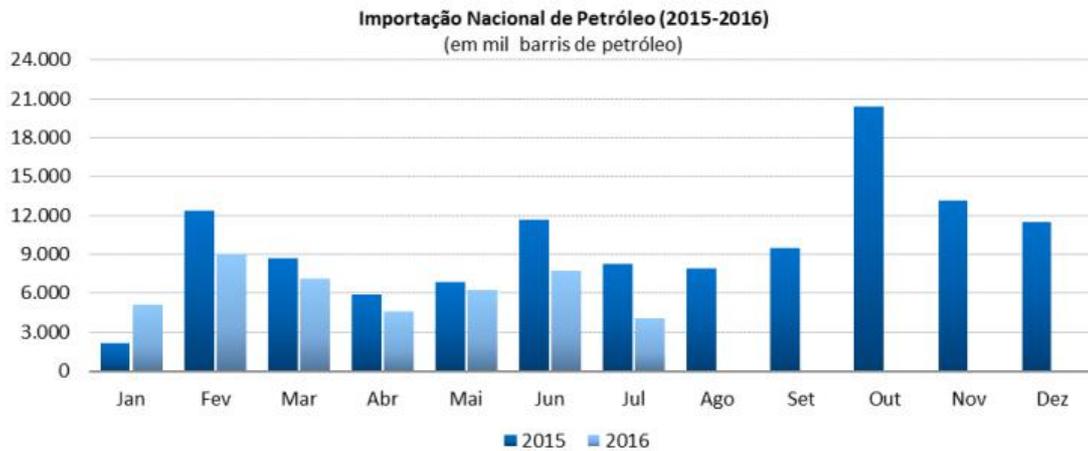
2.4 Produção Nacional de Petróleo (2015-2016)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em junho de 2016, a produção nacional de petróleo apresentou alta de 6,8% em comparação com igual mês do ano anterior. Registrou-se um volume de 76,8 milhões de barris, equivalentes a 2,6 milhões de barris/dia. No acumulado de 2016 até junho, produção brasileira de petróleo alcançou 433,4 milhões de barris (média diária de 2,39 milhões). Em junho de 2016, a produção de petróleo da Bahia representou 1,7% da produção nacional, contribuindo com 40,3 mil barris/dia.

2.5 Importação Nacional de Petróleo (2015 – 2016)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em junho de 2016, a importação de petróleo apresentou queda de 33,4% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado de 2016 até junho, o total importado alcançou o volume de 39,8 milhões de barris, com queda de 16,4% em relação ao mesmo período de 2015. A tendência de médio prazo é de queda nas importações por conta do esperado aumento da produção nos campos do pré-sal.

2.6 Exportação Nacional de Petróleo (2015 – 2016)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

O Brasil exportou 25,9 milhões de barris em junho de 2016, registrando queda de 6,5% em comparação com igual mês do ano anterior. No primeiro semestre de 2016, o volume exportado foi 2,2% superior a 2015. No médio prazo, a tendência é de aumento das exportações, por conta do esperado incremento na produção nacional. Em geral, o petróleo exportado foi do tipo pesado (extraído de campos marítimos), pouco aproveitado nas refinarias nacionais, que foram projetadas para processar óleo leve (de grau API maior que 31,1).

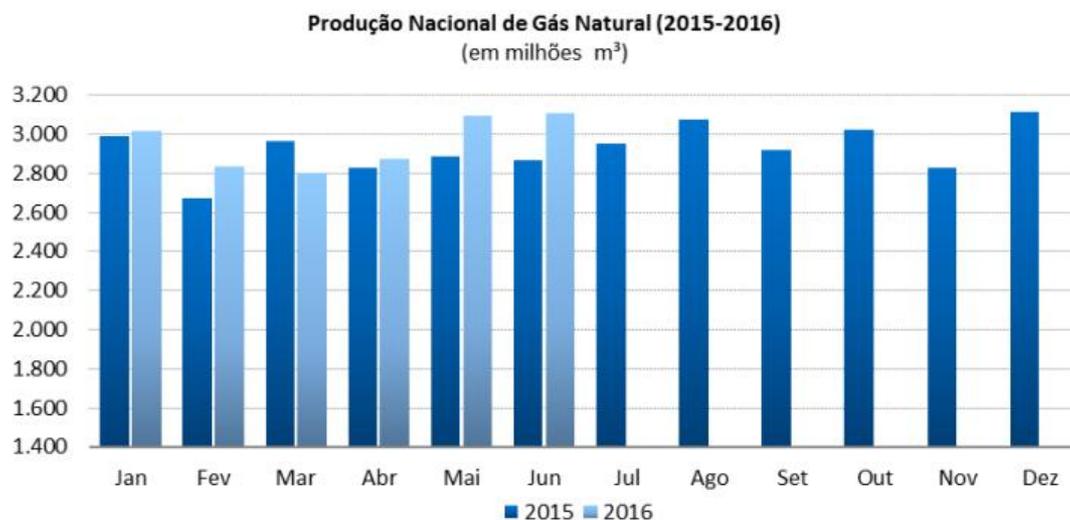
2.7 Dependência Externa de Petróleo – Brasil (2015 – 2016)

| | jun/15 | Jan-Jun/15 | jun/16 | Jan-Jun/16 |
|--|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Produção de Petróleo (a) | 74,4 | 453,3 | 79,5 | 448,6 |
| Imp. Líq. de Petróleo (b) | -17,7 | -95,1 | -19,6 | -106,0 |
| Imp. Líq. de Derivados (c) | 4,3 | 43,0 | 5,6 | 35,6 |
| Consumo Aparente (d) = (a+b+c) | 61,0 | 401,2 | 65,5 | 378,3 |
| Dependência Externa (e) = (d-a) | -13,4 | -52,1 | -14,0 | -70,3 |
| Dependência Externa (%) (e)/(d) | -21,9 | -13,0 | -21,4 | -18,6 |

Fonte: ANP, elaboração FIEB/SDI

Em junho de 2016, o Brasil registrou importação líquida de petróleo (importações menos exportações) negativa de 19,6 milhões de barris de petróleo (ou seja, exportou mais do que importou). No mês, a dependência externa foi de 14 milhões de barris. Já no acumulado do ano de 2016 até junho, registrou-se dependência externa negativa de petróleo e derivados (-18,6%), contra uma dependência de 13% em 2015.

2.8 Produção Nacional de Gás Natural (2015-2016)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

Em junho de 2016, a produção nacional de gás natural apresentou crescimento de 8,4% em comparação com igual mês do ano anterior. Registrou-se um volume de produção de 3.106 milhões m³ no mês de referência. No acumulado de 2016 até junho, a produção brasileira de gás alcançou 17.722 milhões m³, em crescimento na comparação com igual período do ano anterior (+3%).

Balanço do Gás Natural no Brasil (mil m³/dia)

| | Média em Jun/2015 | Média do período jan-Jun/2015 | Média em Jun/2016 | Média do período jan-Jun/2016 |
|--------------------------------------|-------------------|-------------------------------|-------------------|-------------------------------|
| Produção Nacional¹ | 95.516 | 95.614 | 103.518 | 97.372 |
| - Reinyeção | 22.987 | 22.363 | 31.875 | 29.235 |
| - Queimas e Perdas | 3.620 | 3.623 | 3.529 | 3.965 |
| - Consumo Próprio | 11.599 | 12.132 | 13.167 | 12.531 |
| = Produção Nac. Líquida | 57.310 | 57.495 | 54.946 | 51.640 |
| + Importação | 54.864 | 32.471 | 43.164 | 22.164 |
| = Oferta | 112.174 | 89.966 | 98.110 | 73.803 |

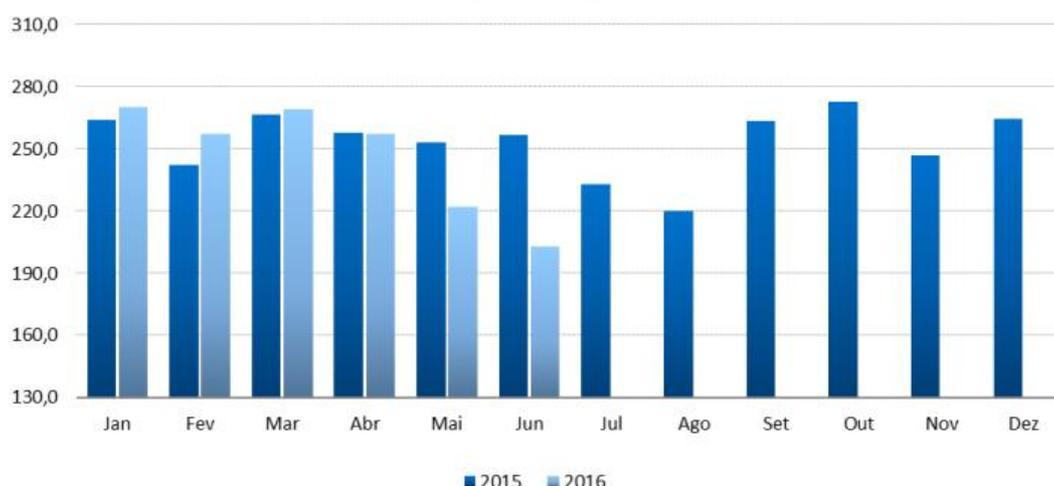
¹ Não inclui Gás Natural Liquefeito

Fonte: ANP, elaboração FIEB/SDI

Tendo em conta o balanço do gás natural no país, verifica-se que a oferta no Brasil alcançou a média de 98 milhões m³/dia em junho de 2016, contabilizando queda de 12,5 % em relação ao registrado em igual mês do ano anterior. A média do acumulado do ano de 2016 até junho foi 18% menor do que a registrada em 2015.

2.9 Produção Baiana de Gás Natural (2015-2016)

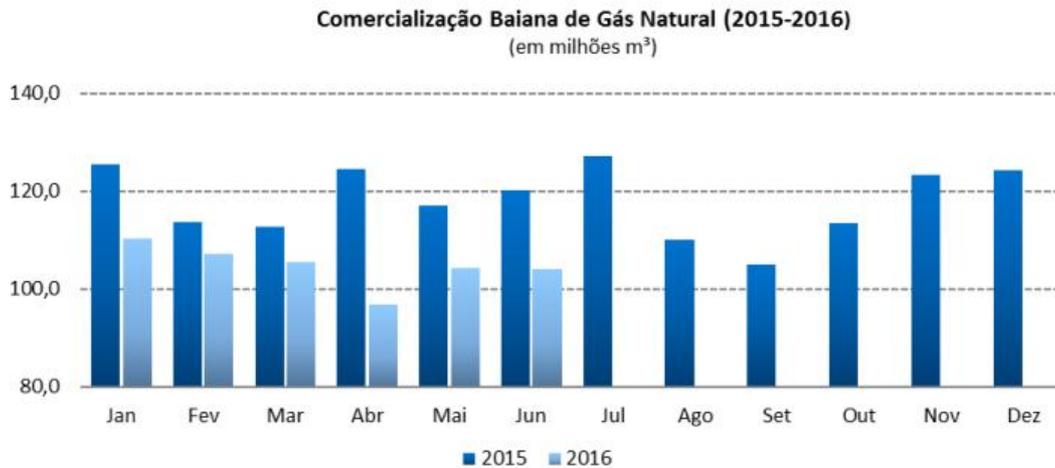
Produção Baiana de Gás Natural (2015-2016)
(em milhões m³)



Fonte: ANP; elaboração FIEB/SDI.

O volume de gás produzido na Bahia em junho de 2016 alcançou 202,9 milhões m³ (ou 6,76 milhões m³/dia), registrando queda de 21,1% em comparação com igual mês do ano anterior. A produção baiana respondeu por 6,5% da produção brasileira de gás natural no mês analisado. No acumulado de 2016 até junho, a produção de gás na Bahia caiu 4,04% em relação ao mesmo período de 2015.

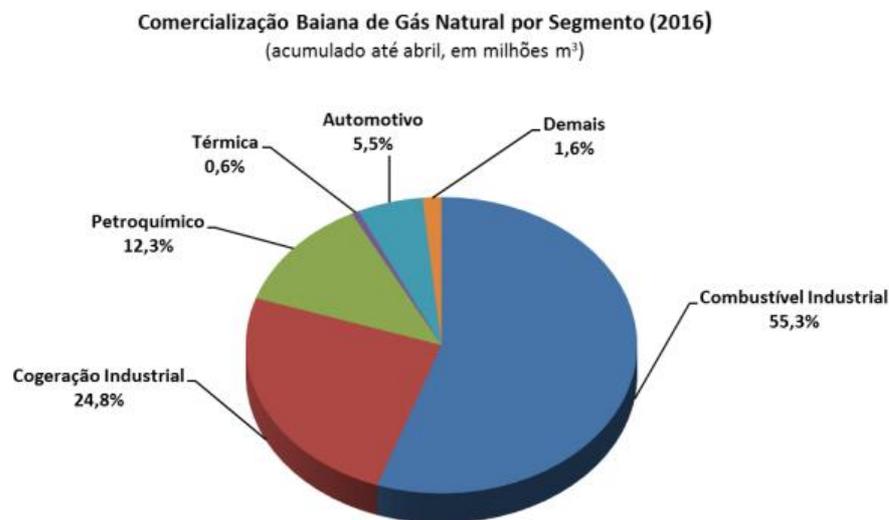
2.10 Comercialização de Gás Natural na Bahia (2015-2016)



Fonte: Bahiagás; elaboração FIEB/SDI.

O volume de gás vendido na Bahia em junho de 2016 alcançou 104 milhões m³ (ou 3,47 milhões m³/dia), registrando queda de 12,1% em comparação com igual período do ano anterior. No acumulado de 2016 até junho, o volume comercializado alcançou 628 milhões m³ (-12,1%).

2.11 Comercialização Baiana de Gás Natural por Segmento (2016)



Fonte: Bahiagás; elaboração FIEB/SDI.

Em julho, o gás destinado a Combustível Industrial foi de 61,2 milhões m³, representando 55,3% do total. Em seguida aparecem Cogeração Industrial (22,6 milhões m³, 24,8%) e Petroquímico (11,8 milhões m³, 12,3%). Esses três segmentos consumiram 92,4% do gás comercializado pela Bahiagás em julho de 2016.

3. LOGÍSTICA

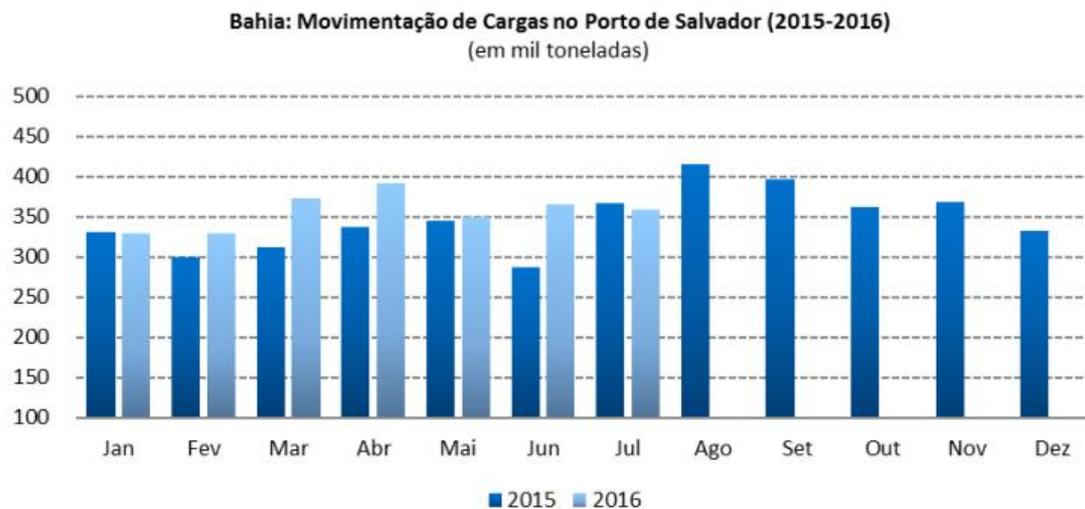
3.1 Movimentação de Passageiros no Aeroporto Internacional de Salvador-BA (2015-2016)



Fonte: Infraero; elaboração FIEB/SDI.

Em julho de 2016, a movimentação de passageiros no Aeroporto Internacional de Salvador caiu 22,8% em comparação com o registrado em igual mês de 2015. No acumulado de 2016 até julho, a movimentação de passageiros no Aeroporto de Salvador foi de 4,4 milhões de passageiros, queda de 18,2% em relação a igual período de 2015.

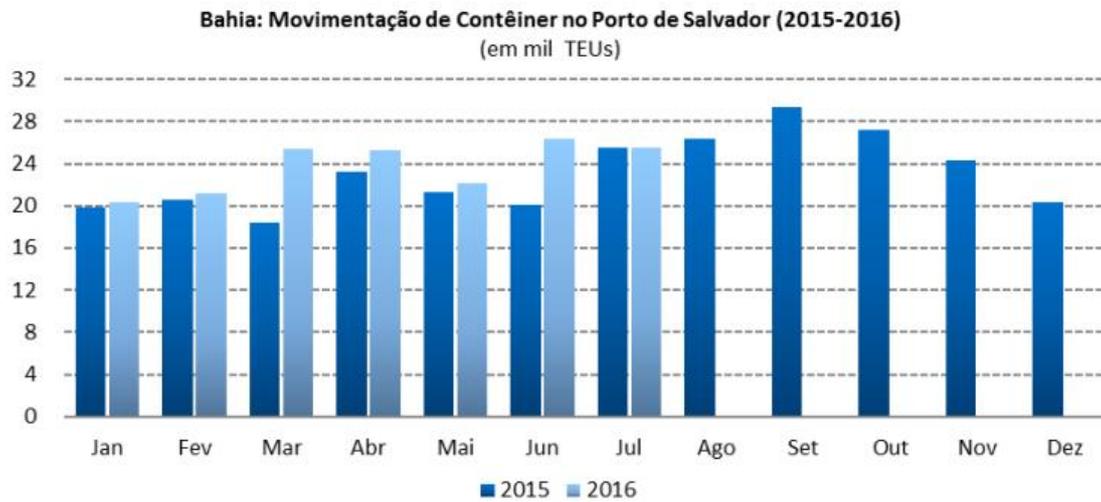
3.2 Movimentação de Cargas no Porto de Salvador-BA (2015-2016)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em julho de 2016, a movimentação de cargas no porto de Salvador apresentou leve queda de 1,9% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado de 2016 até julho, verificou-se crescimento de 9,6% em comparação com 2015, alcançando o montante de 2,5 milhões de toneladas.

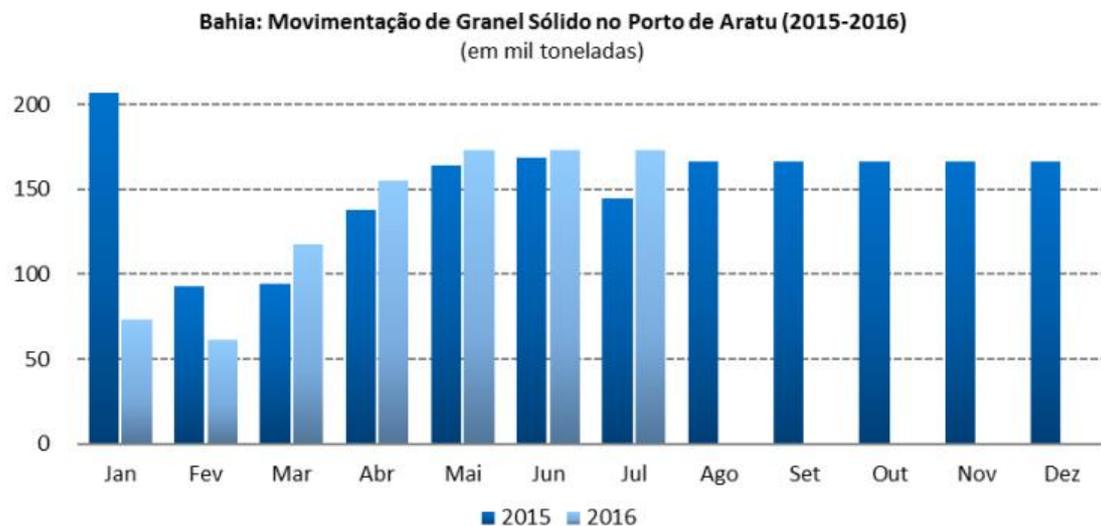
3.3 Movimentação de Contêineres no Porto de Salvador-BA (2015-2016)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

A movimentação de contêineres no porto de Salvador, em julho de 2016, se manteve no mesmo patamar do registrado em igual mês do ano anterior. No acumulado 2016 até julho, registrou-se um montante de 166,2 mil TEUs, contra 148,9 mil TEUs movimentados em 2015, alta de 11,6%.

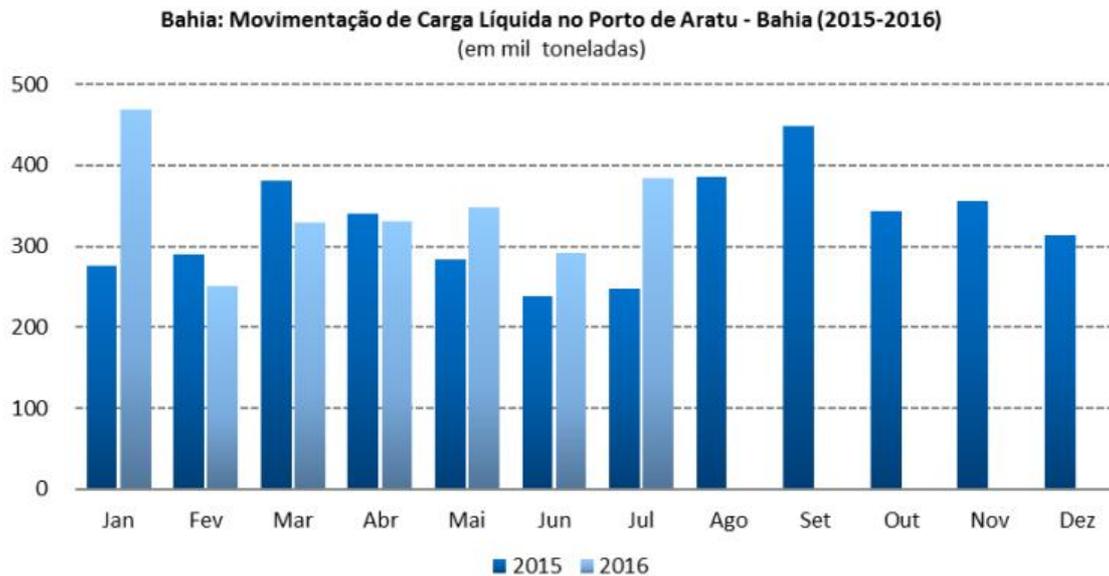
3.4 Movimentação de Carga Sólida no Porto de Aratu-BA (2015-2016)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em julho de 2016, a movimentação de granel sólido no Porto de Aratu registrou alta de 19,7%, em comparação com o mesmo mês de 2015. No acumulado de 2016 até julho, a movimentação de granel sólido alcançou o volume de 927,2 mil toneladas, registrando queda de 8,14% em comparação a 2015.

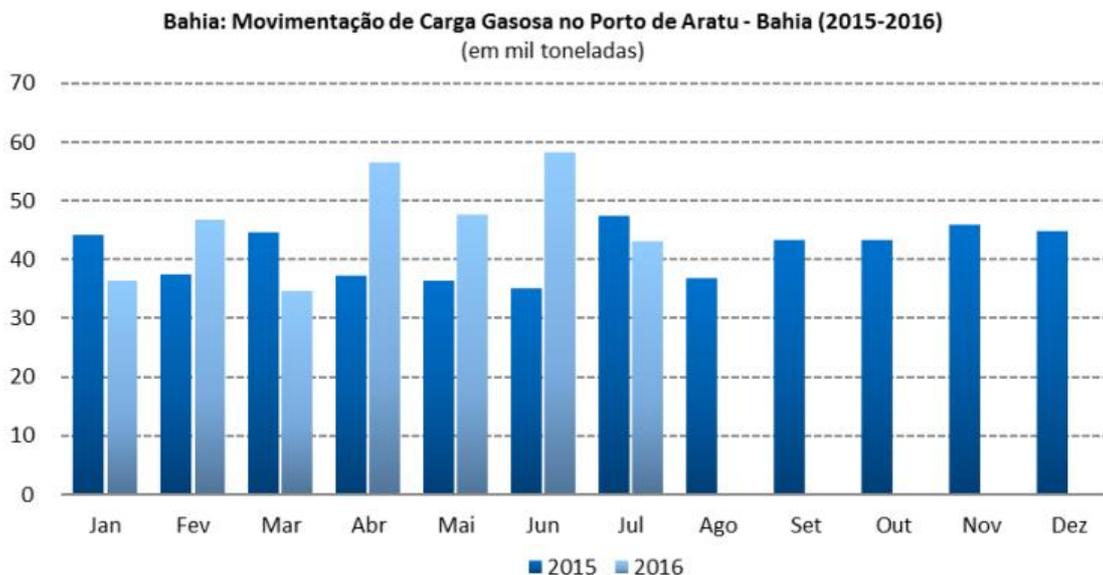
3.5 Movimentação de Carga Líquida no Porto de Aratu-BA (2015-2016)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

A movimentação de carga líquida no porto de Aratu, em julho de 2016, registrou alta de 55,3% em comparação com igual mês do ano anterior. No acumulado de 2016 até julho, alcançou o montante de 2,4 milhões de toneladas, registrando alta de 16,8% em relação a 2015.

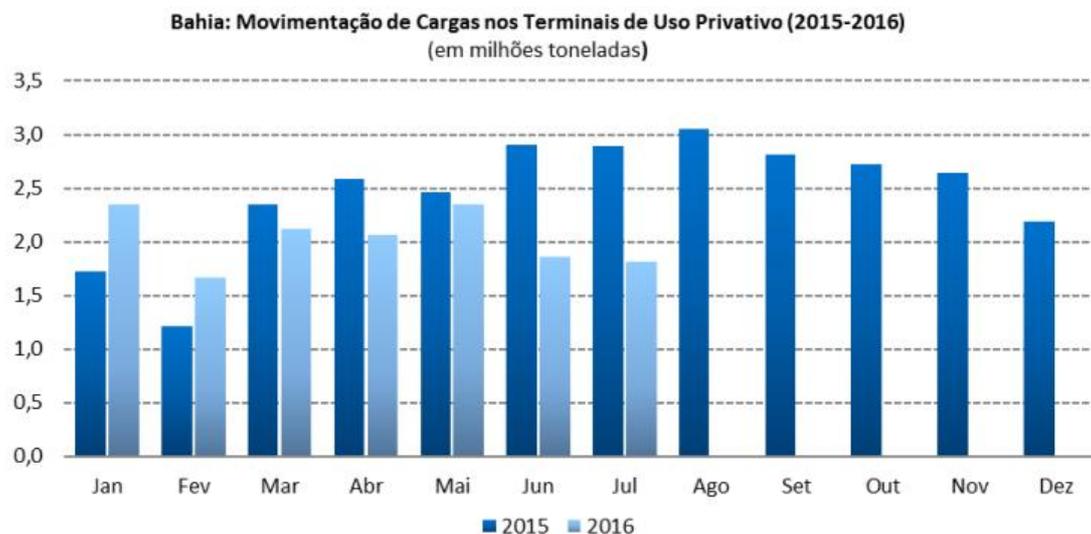
3.6 Movimentação de Carga Gasosa no Porto de Aratu-BA (2015-2016)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em julho de 2016, a movimentação de carga gasosa no porto de Aratu alcançou 43 mil toneladas contra 47,4 mil registradas em igual mês do ano anterior (-9,3%). No acumulado de 2016 até julho, registrou-se o montante de 323,3 mil toneladas, contra 282,2 mil toneladas registradas em igual período de 2015 (+14,57%).

3.7 Movimentação de Carga nos Terminais de Uso Privativo da Bahia (2015-2016)



Fonte: CODEBA; elaboração FIEB/SDI.

Em referência à movimentação de carga nos terminais de uso privativo (TUPs), em julho de 2016, registrou-se queda de 37,2% em comparação com o mesmo mês do ano anterior. No acumulado de 2016 até julho, registrou-se movimentação de 14,2 milhões de toneladas, com queda de 11,8% em comparação a 2015.



Federação das Indústrias do Estado da Bahia